



umanitas

73

pelo espaço que separou o primeiro do segundo. Aguardamos com interesse a publicação dos dois restantes, não só pelos seus méritos individuais mas também para finalmente termos a visão holística duma das obras chave do pensamento dum dos grandes intelectuais romanos do segundo milénio.

MIGUEL MONTEIRO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

miguelsena@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8043-5781>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_10

LÓPEZ QUERO, S., Maestre Maestre, J. M. (eds.), *Studia Angelo Urbano dicata*, Alcañiz, Madrid, Instituto de Estudios Humanísticos, Federación Andaluza de Estudios Clásicos, 2015, LXIV e 738 pp. ISBN: 978-84-96053-80-9

Recensão submetida a 16/02/2018 e aprovada a 27/04/2018

O grosso volume de estudos que nos chegou às mãos, cuja composição do comité científico e contributos se revelam plenos de especialistas ibéricos, encerra uma multiplicidade de trabalhos e áreas, que se estende de assuntos das filologias grega e latina antigas à simbologia e à crítica literária, cuidando de não olvidar a tradição clássica em toda a sua proteica dimensão.

Cingimo-nos, de entre os quarenta artigos aqui contidos, à consideração de um estrito florilégio daqueles cujas áreas de maior pendor filológico correspondem às temáticas mais estritamente cultivadas pelo homenageado, o Prof. Ángel Urbán Fernández. Com efeito, as contribuições contidas no actual livro, onde perpassa um leque de saberes tão diverso (muito embora o destaque deva aí recair no cristianismo bíblico dos períodos apostólico e patrístico, como se pode deduzir pelos inúmeros trabalhos críticos produzidos pelo Prof. Ángel para as revistas *Estudios Bíblicos* e *Collectanea Christiana Orientalia*, presentes na bibliografia do mesmo), extravasam naturalmente a esfera de interesses cultivada por este académico da Universidade de Córdoba.

De marcado teor filológico, começam assim por revelar-se os trabalhos de Carlos del Valle Rodríguez e de A. do Espírito Santo, apresentados nessa sequência por razões de ordenação alfabética (que é a que segue o livro). Cada um deles na sua área – o hebraico e o latim medieval –, trata-se, no primeiro caso, de uma edição acompanhada de introdução crítica e de

um amplo aparato de erudição, de um tratado sobre os géneros da *Bíblia*, um espécime devido a Saadia Ibn Danan, rabino granadino do séc. XV, único no seu género. Não deixa, aqui, de chamar a atenção o facto de os géneros tanto poderem achar-se determinados pela significação do texto bíblico, como pelo carácter do mesmo: repreensão, profecia, cântico, etc. (p. 150); assim como a ideia, sustida já pelos sábios judeus dos séculos anteriores (entres eles Maimónides, no seu *Guia dos perplexos*), de que toda a sabedoria científica (contida, *e. g.*, na lógica, na matemática), seria obra dos Israelitas, havendo-se ela contudo perdido no devir dos séculos, em proveito dos povos estrangeiros, incluindo dos Gregos (p. 159, n. 51).

Já o trabalho do Prof. Arnaldo do Espírito Santo contém uma fina análise comparatista da tradução das *Sentenças dos Padres egípcios* por S. Martinho de Braga, por confrontação com os influxos exercidos por João Cassiano em domínios tão díspares como o doutrinal e o estilístico (p. 166). Para efeitos de clarificar as opções ali acolhidas, o autor lança mão de categorias que vão da narratologia ao contexto da civilização que terá presidido às práticas usuais associadas à vida no *scriptorium* monástico mais familiar e contemporâneo do tradutor, em ordem a explicar com mais propriedade o texto latino final adoptado por Martinho, tão distante, no tempo e no espaço, da obra sobre os padres do deserto produzida no Oriente grego (ainda que crendo-se ser aquele oriundo justamente da antiga *Pars Orientis* imperial europeia, mais em concreto, da Panónia, no séc. VI).

Ainda na senda dos estudos aqui apresentados sobre a simbologia, oferecem-nos Francisco José Talavera e Beatriz Antón informações sobre como elementos animais e da natureza, como o cão e o sal (ao invés, por exemplo, da andorinha), presentes nos *Hyeroglyphica* (uma enciclopédia renascentista de Pierio Valeriano sobre o tema, de fortes influxos egípcios, clássicos e, em menor medida, bíblicos), se impõem como representantes da fidelidade em matéria de amizade (*amicitia firma*, p. 674).

Da epigrafia grega da época imperial romana (já que, em conformidade, a maioria dos escravos instruídos dos sécs. I-III eram de origem helénica), versa a contribuição de Raúl González Salinero sobre o famoso grafito de Alexâmeno, exibido no *Paedagogium* romano do Monte Palatino. Mediante a sua análise, chega-se à conclusão de que não resulta defensável afastar a hipótese de tratar-se este de um caso de chiste provocatório à fé professada por um cristão sob a dinastia Domiciana, situação que ia comumente de mão dada com um elenco de preconceitos de explicação discutível, alguns de matriz anti-judaica, mais tarde assimilados ao cristianismo nascente (como

a crença pagã no culto cristão aos asnos, p. 327, plasmado no desenho do grafito; ou aos genitais dos sacerdotes, etc.).

No domínio da métrica da poesia imperial do período flávio (como a dos epigramas de Marcial), Maria Cristina Pimentel demonstra com detalhe como os artifícios das cesuras rítmicas e o tipo de versos usados nessa literatura serviam para enfatizar as qualidades do imperador (neste caso, Domiciano), os seus feitos, munificência e celebrações públicas, sempre com vista à sua exaltação, ou em proveito do povo de Roma. A forma como até os animais das arenas romanas reconhecem, reclinando a cerviz, a *maiestas* personificada pela figura do imperador, revela de sobeja a ênfase depositada nesses intuitos encomiásticos e de autêntica propaganda do Estado imperial (e. g., p. 566).

Por sua vez, María Dolores Rincón González traz-nos à mente como o prestígio da antiga Universidade de Baeza, sita próximo de Jaén, depois extinta em 1824, encontrou, no quadro do Renascimento espanhol, um considerável esplendor, fomentado por eruditos e humanistas, como Juan de Ávila (o patrono científico da instituição), Juan Francisco Villava e Alonso de Bonilla, que cultivavam e incentivavam o recurso pioneiro do uso de elementos de erudição, como as retóricas sacra e profana (*contio* e *oratio*, p. 575), os apólogos e até a emblemática.

De teor necessariamente próximo, figura aqui o trabalho de Julián Solana Pujalte, acerca dos rastros reconhecíveis das bibliotecas privadas na biblioteca do antigo Colégio da Asunción de Córdoba. Tarefa à partida árdua, quase sempre de recursos nulos na metodologia do apurar dessa genealogia da primeira pertença dos espécimes bibliográficos incorporados em instituições de ensino dos sécs. XVI e XVII, resulta ela, por fim, compensadora, à hora de concluir que, mesmo entre o clero regular, havia procura e interesse pela erudição (tal como o prova a colecção de Antonio Delgado Colorado, um simples cura paroquial de Écija, que, no entanto, se interessava por assuntos tão distantes das temáticas mais estritamente eclesiais, como sejam: geografia política, medicina e até magia, p. 659).

Versando, por sua vez, a transmissão textual, Eustaquio Sánchez Salor, bem conhecido entre nós pelas suas participações em eventos portugueses de Latim medieval, fala-nos do arrastado trajeto de um livro de ascendência indiana, o *Panchatantra*, que, através dos sucessivos substratos e traduções por que passou (persa, árabe, hebreu), teria, ao longo do primeiro milénio (um pouco à semelhança do que sucedeu, no segundo, com a coletânea de contos hoje conhecida por *As mil e uma noites*), servido de manual de instruções teológicas para a vida prática cristã (em detrimento de permanecer esta tão-só no plano

especulativo), segundo os preceitos da escola bíblico-moral sustentados por Pedro, o Chantre, a partir do séc. XII (pp. 614-616). Essas versões ganharam forma em línguas francas e nas primeiras vernáculos do Ocidente europeu: em latim, no *Directorium humanae vitae* de João de Cápua (de onde derivam quase todas as demais, latinas ou não), e no *Liber Kalilae et Dimna*, de Raimundo de Béziers; em espanhol, no opúsculo anónimo *Calila e Dimna*.

O que não entendemos é como, nesse processo de cristianização, se ouse pregar noções éticas por vezes manifestamente contrárias aos padrões indiscutivelmente mais defensáveis na cultura dessa matriz, como o proveito próprio, apontado como sinónimo de sabedoria e sensatez (p. 621), mediante o cabal atropelo do bem alheio por meios velados. Terá essa realidade que ver, como diz Moten Nojgaard, com a natureza eminentemente prática da moralidade oriental da fábula, que o filtro (comum já, *e. g.*, à cultura árabe por que haviam passado os apólogos), do primado da honestidade sobre a utilidade, não conseguiu por completo esbater no processo de transmissão literária (pp. 616 e 617)? A intertextualidade bíblica presente nas narrações cristãs dessa história resulta, porém, posta de manifesto com eficácia e acuidade pelo Prof. Sánchez Salor (pp. 621 ss.).

Enfim, a atual publicação deixa bem à vista de todos quantos se dediquem à sua leitura de fio a pavio, o ponto de referência a que continua chegando, nos últimos anos, o vigor e o leque de abrangência, diríamos quase exaustivo, dos Estudos clássicos em particular, mas, não em menor escala, das áreas suas familiares ou congêneres no país vizinho. Do miniaturismo monográfico próprio de abordagens sobre problemas de crítica textual e de tradução nos matizes das suas fontes estilísticas (p. 402), como os implicados na breve resenha de José-Javier Iso em torno de um poema da *Antologia Latina* que figura à cabeça de um tratado de Baltazar Gracián (pp. 399-403), ao denso elenco teológico entretecido em torno da questão do apuramento da real natureza da hipóstase, ou essência divina na idade patrística, de difícil assimilação, por mão de Carmelo Gramado (um trabalho póstumo, resgatado do computador pessoal deste erudito zeloso até ao fim dos seus dias), vai um ápice em cuja conjugação, a um tempo, de categorias de análise de diversidade e profundidade, atestam a qualidade do trabalho produzido em todos os domínios do saber aqui objecto de aturada atenção.

RUI COIMBRA GONÇALVES

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

e.ruigoncalves@sapo.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1501-1856>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_11